

Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações

Ana Lucia S. Enne¹

Resumo: O trabalho aqui apresentado, fruto de uma reflexão preliminar e roteiro para uma investigação mais detalhada ainda em andamento, discute o processo de produção de representações sociais sobre a região da Baixada Fluminense, através do trabalho da grande imprensa carioca, da década de 50 até o ano 2000.

Palavras-chave: imprensa; Baixada Fluminense; representações sociais; violência; identidade.

Abstract: The work presented here, originated of a preliminary reflection and script for a detailed inquiry still in progress, argues the process of production of social representations on the region of Baixada Fluminense (Rio de Janeiro), through the work of the great press of Rio de Janeiro, of the decade of 50 until year 2000.

Key-words: press; Baixada Fluminense; social representations; violence; identity.

Espaço privilegiado para a construção de memórias sociais no cenário contemporâneo, o jornal impresso tem motivado inúmeras reflexões acerca de seu papel na formação das identidades sociais. Neste sentido, o trabalho aqui apresentado, fruto de uma reflexão preliminar^[1] e roteiro para uma investigação mais detalhada ainda em andamento,^[2] pretende lançar alguns eixos de discussão acerca da projeção de representações sociais sobre a região da Baixada Fluminense, através do trabalho da grande imprensa carioca, da década de 50 até o ano 2000, em uma abordagem que privilegie o processo histórico, recortado por marcos significativos.

A partir da percepção da imprensa como um meio de comunicação de massa, capaz de gerar e fixar representações acerca de fatos, pessoas, espaços e datas, sendo um lugar de memória privilegiado nas sociedades urbanas, a proposta é mapear como foram sendo construídas, através das últimas cinco décadas, as representações e as memórias acerca da região da Baixada Fluminense em quatro grandes jornais impressos do Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Dia* e *A Última Hora*. Além disso, buscamos complementar o material empírico levantado com reflexões extraídas de

¹ Ana Lucia S. Enne é graduada em Comunicação Social pela PUC/RJ, Mestre e Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, bolsista recém-doutora pelo PRODOC/CAPES no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense/UFF, onde coordena o Laboratório de Mídia e Identidade (LAMI).

nosso trabalho de campo, das entrevistas realizadas e dos trabalhos consultados, tanto acadêmicos quanto memorialísticos, que abordam temáticas relacionadas à região.

Algumas observações metodológicas

Antes de apresentarmos nossas reflexões preliminares sobre o material já coletado, é preciso apontar para algumas explicações metodológicas relevantes para a compreensão deste artigo. Em primeiro lugar, é preciso explicar o porquê da escolha de trabalhar exatamente com esses jornais, em vez, por exemplo, de privilegiar uma imprensa local (caso do *Jornal Hoje*, de Nova Iguaçu, ou o *Luta Democrática*, de Duque de Caxias, entre outros) ou uma imprensa voltada para a Baixada (caso dos cadernos de bairros, como os do *Globo* e do *Dia*).

A opção por trabalhar-se com a grande imprensa carioca pode ser creditada à intenção de se perceber como está sendo construída, para o *sensocomum* metropolitano, para um público de largo alcance (e não somente residente na Baixada), as múltiplas imagens acerca deste espaço geográfico e social. Assim, optou-se pelos quatro jornais citados por serem de grande circulação em todo o estado do Rio de Janeiro. Além disso, buscou-se escolher dois jornais que se projetassem, em termos de auto-imagem, como portadores de “credibilidade” e “seriedade”, no caso *O Globo* e o *Jornal do Brasil*,^[3] e outros dois que por muito tempo foram associados à idéia do “sensacionalismo” e da “imprensa marrom”, como *O Dia*^[4] e *A Última Hora*^[5], para tentar perceber como estes “dois tipos de imprensa” representaram a BF. Ou seja, buscou-se pensar até que ponto as imagens construídas sobre a Baixada, em geral associadas à violência (e mais recentemente mescladas com outras de caráter mais positivo), foram marcadas por linhas editoriais sensacionalistas ou se foram comuns à grande imprensa, mesmo aquela considerada “séria”.

Tanto a *Última Hora* quanto o jornal *O Dia*, este antes da reforma gráfica e editorial que sofreu no decorrer da década de 90, sempre pautaram suas edições pelo chamado “jornalismo sensacionalista”. *O Dia*, inclusive, recebeu um irônico e depreciativo slogan popular, o “espreme que sai sangue”. As matérias não poupavam registros de atos violentos, com direitos a narrativas que privilegiavam o *grotesco* e o

apelo às sensações.^[6] No início da década de 80, são jornais de grande circulação, principalmente entre as classes de menor poder aquisitivo, inclusive pelo baixo custo de seus exemplares. A exploração da violência como recurso para garantir a vendagem é uma estratégia facilmente perceptível ao analisarmos estes jornais, inclusive pela própria disposição das primeiras páginas, recheadas de manchetes apelativas (utilizando palavras como morte, assassinato, desova, extermínio, entre outras) e imagens chocantes, com cadáveres em profusão.^[7] Neste festival de atrocidades, a “Baixada Fluminense” ocupará papel de destaque, não só pelas ocorrências reais de casos de violência, como pela criação de um imaginário acerca da região onde somente esse ângulo deveria ser destacado. Aspectos ligados à vida urbana (como saneamento, condições de habitação, saúde, educação, trânsito, entre outros) praticamente não eram explorados (as poucas matérias que abordam temas ligados a outros aspectos que não a violência na Baixada Fluminense, em geral, destinam-se a falar do trânsito na Avenida Brasil, que corta parte dos municípios da Baixada). Matérias de cunho político, como projetos de lei, ações do poder municipal, campanhas ou atividades públicas, por exemplo, raramente eram produzidas. Da mesma forma, praticamente se ignoravam matérias que relacionassem a Baixada a atividades culturais ou “pautas” de comportamento.

No entanto, mesmo com suas tendências “sensacionalistas”, os jornais *O Dia* e *A Última Hora* também foram publicamente reconhecidos por seu papel de formadores de opinião e por terem algum compromisso jornalístico, até mesmo pelas suas filiações políticas (dadas, por exemplo, pelas figuras de Samuel Wainer, fundadora *Última Hora*, e de Chagas Freitas, presidente do *O Dia* por um longo período). Assim, não são meramente jornais “sensacionalistas”, mas jornais reconhecidos como produtores de notícias merecedoras de credibilidade, o que aumenta ainda mais suas possibilidades de criação e fixação de *memórias* coletivas. Assim, deixou-se de fora, a partir deste critério de escolha, jornais que provavelmente exploraram bastante a imagem sensacionalista da Baixada Fluminense, como *O Povo* e *A Notícia*, por entendermos que estes jornais nunca foram considerados, de forma generalizada pelo *senso comum*, como “verdadeiramente jornalísticos”. Ou seja, mesmo com o óbvio impacto causado pela exploração em primeira página da violência por esses jornais – e possivelmente por uma forte analogia com a Baixada, a qual não posso aqui categoricamente afirmar por não ter

analisado material de nenhum desses jornais -, preferimos aqui jornais com uma característica mais híbrida, de “seriedade” e “sensacionalismo”.

Definidos os jornais a serem consultados, foi preciso pensar como seria feito metodologicamente esse levantamento. Assim, foi decidido que seriam consultados os primeiros cadernos de cada um desses jornais, onde costumam ser colocadas as matérias ligadas ao estado do Rio de Janeiro e/ou ao noticiário policial. Tal levantamento foi realizado durante os anos de 1999 e 2000, no setor de periódicos da Biblioteca Nacional,^[8] no decorrer das pesquisas para a tese de Doutorado, e vem sendo complementado desde 2003, na atual fase de pesquisas, com consultas realizadas na Biblioteca Nacional e no arquivo interno do jornal *O Globo*.^[9]

Decidido o método de coleta das informações, passou-se para o recorte cronológico. Como a idéia era perceber as transformações ocorridas nas representações da grande imprensa acerca da Baixada Fluminense, foi decidido que o levantamento compreenderia edições desses jornais em décadas diferentes, na tentativa de perceber tais diferenças. Assim, foram levantadas e coletadas matérias, de forma mais sistemática, dos jornais nos seguintes anos: 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 e 2000. A idéia foi coletar dados de pelo menos um mês, em cada um dos jornais e em cada um dos anos estipulados. Com isso, pretendia-se mapear a regularidade dos noticiários em um tempo de pelo menos 30 dias, tentando compreender até onde as matérias sobre a região se constituíam em casos isolados ou estavam dentro de uma seqüência de reportagens, o que altera, em muito, a intervenção da imprensa na construção de memórias coletivas.^[10]

Escolhi, ainda, levantar matérias dos cadernos específicos acerca da “Baixada Fluminense”, no caso *O Dia Baixada* e *O Globo Baixada*, com ênfase no início da década de 90, por perceber, no decorrer da pesquisa de campo, que a criação desses cadernos são considerados, por muitos dos agentes entrevistados, marcos de uma transformação nas imagens produzidas sobre a Baixada.

Assim, gostaria de deixar claro que a idéia de trabalhar com as datas fechadas foi somente uma maneira possível de tentar perceber uma lógica processual por amostragem, não uma tentativa de absolutizar ou controlar os dados recolhidos via imprensa. Não pretendi, em momento algum, fazer um levantamento sistemático no

sentido absoluto destes jornais. Por isso, não há qualquer pretensão estatística. Trata-se de um levantamento qualitativo em que se pretende observar as representações oferecidas pela imprensa acerca da Baixada. E a idéia de se trabalhar com meses em anos fechados pode ser creditada somente a uma busca de alguma regularidade, mínima que seja, embora sem nenhum grau de precisão. Assim, o que se planejou foi tentar perceber como, a cada década, essas imagens sobre a Baixada vão sendo construídas: há uma padronização? O que está em evidência em cada período? Há uma mesma extensão informativa? Os enfoques se transformam? Foram essas as questões, entre outras, que estou tentando responder a partir desse levantamento e das reflexões preliminares que agora apresento.

Portanto, o que pretendo demonstrar, neste artigo, é que a imprensa carioca veio construindo, dos anos 60 aos 90, um imaginário acerca da *Baixada* onde esta aparece associada, principalmente, à “violência” e ao “desmando público”. De forma resumida, o que pretenderei abordar abaixo são as transformações em termos de representações que a imprensa carioca – em especial os jornais *O Dia*, *A Última Hora*, *O Globo* e *o Jornal do Brasil* – promoveu quanto à pauta Baixada Fluminense. Como isso se dará, veremos agora, detalhadamente, por etapas.

As imagens sobre a Baixada Fluminense na imprensa carioca

a) década de 50

No período do pós-guerra, a região da Baixada Fluminense passou por diversas transformações, especialmente de ordem econômica e social. Como demonstram diversos autores, o município de Nova Iguaçu desenvolveu, nos anos 20 e 30, uma intensa citricultura, inclusive ocupando papel de destaque no setor de exportações nacional. No entanto, em meados dos anos 40 perdeu parte de sua área total com a emancipação dos municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. Além disso, enfrentou uma grave crise no setor da produção de laranja e aos poucos foi abandonando suas atividades agrícolas para ser recortada por um intenso processo de loteamentos das antigas fazendas e chácaras.^[11]

Os loteamentos produziram, como demonstra Sonali Souza, uma intensa transformação social na Baixada. Os baixos preços dos lotes atraíram muitos migrantes das mais diversas partes do país, especialmente do Nordeste, que se instalaram na região e procuraram emprego no crescente setor industrial que se formava na Capital. Estava se configurando a expansão da “região metropolitana” do município do Rio de Janeiro, conforme demonstrou Maurício de Abreu, o que caracterizou os municípios da região como “cidades-dormitórios”, em que seus moradores faziam, diariamente, um movimento pendular entre o trabalho na cidade do Rio de Janeiro e seus locais de residência, aonde iam somente “para dormir”.^[12] Além das conseqüências diretamente ligadas ao processo de expansão demográfica (como uma série de problemas urbanos, relativos ao saneamento, ao abastecimento de água, ao sistema de transportes, à coleta de lixo, entre outros), Sonali Souza aponta para o início de um conflito entre os “moradores antigos” e “o pessoal de fora”. Assim, “existe mesmo uma versão, de parte de setores das famílias tradicionais, segundo a qual o que fez piorar a qualidade de vida tenha sido a chegada ‘desse pessoal de fora’.”^[13]

Concomitantemente ao processo de ocupação dos loteamentos por trabalhadores da indústria, os anos 50 marcaram o início de uma ocupação das terras por camponeses, como aponta Mário Grynszpan.^[14] Tais ocupações resultaram em intensas disputas pela posse das terras, a partir do momento em que essas começaram a ser valorizadas e pleiteadas por “proprietários” e “grileiros”.^[15] Os camponeses, que serão classificados e muitas vezes se autotransformaram como “posseiros”, resistiram a estas iniciativas de retomadas das terras e criaram movimentos de mobilização camponesa, como forma de resistência a essas tentativas de expulsão.^[16] As lutas pela terra foram marcadas por ações violentas e conflitos diversos, muitas vezes retratados pela imprensa, o que vai marcar o início de uma representação associativa entre a Baixada Fluminense e as imagens da violência e da ausência de um poder legal exercido por direito.^[17] Expressões como “nordeste sem seca” e “barril de pólvora” foram usadas para caracterizar os conflitos na região.^[18] Como afirma Rogério Torres, em relação a Duque de Caxias: “acobertada pelo Estado Novo, a violência policial será levada ao extremo, dentro do Município. Nesse momento muitos crimes são cometidos, trazendo para Duque de Caxias epítetos dos mais depreciativos: ‘Cidade do Crime’, ‘Cidade sem Lei’, ‘Chicago da Baixada’.”^[19]

No início dos anos 50, no entanto, poucas matérias citavam a Baixada nos principais jornais. Podemos citar, por exemplo, as matérias “Caiu do trem”^[20] e “Crime de morte no Xerém”^[21] como os destaques do *Jornal do Brasil*, no mês de abril de 1950, acerca da região. Portanto, durante um mês corrido (abril de 1950), encontramos somente essas duas ocorrências relacionadas à BF. Como podemos perceber através da análise dos autores aqui citados, foi no decorrer da década de 50 que se iniciou a construção da “imagem” associando a Baixada à violência.

Esse contexto histórico foi marcado também pelo início de uma produção memorialística sobre a região, com a publicação de livros escritos por pesquisadores nativos. Tais trabalhos inauguraram a “tradição memorialística” na Baixada e alguns de seus traços característicos, como a idéia de que a Baixada Fluminense teria tido um período de opulência, posteriormente enfrentando uma longa fase de decadência. O olhar desses primeiros “memorialistas” sobre a região foi marcado por um enaltecimento do passado e uma tendência a perceber o presente (esse já marcado pela explosão demográfica, pela chegada dos “de fora”, pelo surgimento de problemas e conflitos trazidos pelos loteamentos e pelas representações negativas apresentadas pela imprensa acerca da região) em termos de “perda”, como podemos perceber nesta passagem expressiva: “Iguaçu, tão jovem que ainda não tem dois séculos, nasceu à beira de uma praça e à margem de um rio de que quase não se tem notícia. É a cidade de ontem, pode-se dizer, embora seus filhos mais ilustres já lhe cultuem o passado e reverenciem seus descendentes. Porque também já lhe caiu o esplendor. E, como naquelas cidades antigas, dorme o seu sono de morte sob as águas que a cobriram.”^[22]

a) década de 60

No início dos anos 60, a presença da Baixada Fluminense nos jornais consultados já pode ser percebida de forma mais efetiva. Encontram-se referências positivas, como a notícia sobre a Festa da Laranja ou uma lista com os centros afros da Baixada.^[23] No entanto, já podem ser notadas também e predominantemente matérias apontando para a violência na região, como “Mulher atirou-se pela janela a fim de fugir às garras dos monstros”, “Fuzilado com cinco tiros um estivador em Caxias”, “Avançou de faca e foi

morto a tiros”, “Pacto de morte” e “Solução para a superlotação do xadrez da delegacia de Caxias”.^[24]

Na verdade, o processo histórico iniciado na década de 50 vai ganhar contornos definitivos na década seguinte, com o acirramento das lutas no campo e a configuração daquilo que Beloch chamou de “coronelismo urbano”.^[25] Neste contexto, deu-se o surgimento da figura de Tenório Cavalcanti, polêmico líder político cuja trajetória, associada diretamente à violência, marcou de forma definitiva a história da região, como demonstrarei a seguir.^[26] Segundo Ismael Beloch, a partir de Tenório conferiu-se à região “a pecha de faroeste fluminense”.^[27]

Tenório Cavalcanti foi um dos muitos migrantes que vieram do Nordeste para a Baixada. Lá, enriqueceu e tornou-se uma poderosa figura política, criando um sistema clientelista e apoiando-se na violência como estratégia de conquista e manutenção do poder tanto econômico quanto político. A sua volta, montou-se uma “densa rede de relações pessoais, de amizade, parentesco e patronagem, trançada pela reciprocidade, a dependência, a lealdade e a deferência, tendo no líder seu fio central”.^[28] Através de tal rede, Tenório aproximou-se de famílias tradicionais (inclusive pelo casamento)^[29] mas, ao mesmo tempo, manteve suas relações com os migrantes, inclusive intermediando a vinda de muitos para a Baixada e colocando-se, quando se formou em Direito, como advogado em causas de despejo e lutas pela terra. Neste sistema, projetou-se como líder regional e conseguiu penetrar nas esferas da política nacional, conseguindo expressivas votações para o Legislativo.

Em torno de sua pessoa, criou-se toda uma mistificação, apoiada na construção de uma personagem para Tenório, que passou a ser conhecido pelo uso de suas inseparáveis capa preta e sua metralhadora “lurdinha”, bem como pela fama de “ter o corpo fechado”, por ter conseguido escapar ileso de uma série de conflitos a bala. Em torno de sua figura, construiu-se uma mística (em grande parte, em um processo de autoconstrução, já que Tenório Cavalcanti fundou seu próprio jornal, *Luta Democrática*, que se encarregou de difundir tais imagens acerca de seu proprietário),^[30] que foi incorporada pela imprensa local e pelos grandes jornais da capital. A Baixada Fluminense passou então a ocupar com mais constância as páginas dos diários nacionais, em especial as destinadas às matérias de polícia, com as notícias dos conflitos

pelas terras, as disputas políticas marcadas pelas práticas violentas e a exploração da figura polêmica de Tenório.

Portanto, seja através da ação direta via *Luta Democrática* ou como uma figura constantemente representada nos discursos da imprensa sobre a Baixada Fluminense, Tenório Cavalcanti vai ser definitivamente associado à região. Neste momento, está se firmando a imagem da BF como um espaço violento, sem lei, um “faroeste fluminense”, como indicado acima. Como explica Marlúcia Souza: “a imagem de Caxias, no período, pode ser expressado pelo dito popular da época: ‘Caxias é a terra onde galinha cisca para frente’, absurdo e estranho, próprio de uma região violenta que até as aves são diferentes.”^[31]

Para complementar ainda mais essa imagem, um episódio ocorrido em julho de 1962, que ficou conhecido como o “quebra-quebra”, ocupou por semanas as páginas dos noticiários, associando a região à falta de segurança e à prática da violência. Na verdade, a sucessão de depredações e saques ocorridas na Baixada no dia 5 de julho de 1962 fizeram parte de um contexto histórico de “revoltas populares” em todo o estado do Rio de Janeiro.

Este episódio, segundo Marlúcia dos Santos Souza, teria marcado o surgimento de milícias pagas pelos comerciantes locais para garantir a segurança de seus estabelecimentos. Assim, “... em 62, com o saque, as polícias privadas aturam como repressores das revoltas e como mantenedoras da ordem.”^[32] A partir deste contexto, marcou-se o início da ação de “grupos de extermínio” na região, como vão demonstrar Josinaldo Aleixo Souza e José Cláudio Alves Souza.^[33] Segundo este último, “desde o golpe de 1964, sobretudo a partir de 1967, a Polícia Militar vinha assumindo um papel coadjuvante na repressão montada pela ditadura ...”, o que a levaria a atuar diretamente na formação de “grupos de extermínio”.^[34] A ação desses grupos, porém, se efetivaria de forma mais veemente a partir da década de 70, como veremos no próximo item.

A consolidação da região como uma área “problemática” em termos de segurança e violência fixou-se ainda mais quando, em 1968, Duque de Caxias foi declarada Área de Segurança Nacional pelo governo militar, sofrendo uma série de intervenções políticas.

c) década de 70

Neste período, a imagem da “*Baixada Fluminense*”, na imprensa, já está marcadamente associada à violência. A ação dos grupos de extermínio na região (garantindo a “segurança local” ou utilizando a Baixada como ponto de “desova” para corpos que tenham sido assassinados em outros locais) transformou a Baixada em sinônimo de “criminalidade”. As notícias eram dadas indistintamente, como podemos perceber. Não eram feitas distinções entre o que seria ação dos grupos de extermínio e o que seria resultado da prática de violência como uma ação criminosa de forma geral (consequência de um assalto ou um homicídio passional, por exemplo). Assim, instaurase um *sensu comum* acerca da região em que esta começa a ser associada a um “local perigoso”, como percebemos na análise preliminar do material coletado.

Segundo José Cláudio Souza Alves, nos anos 70, a ação dos grupos de extermínio na região se intensifica.^[35] Segundo ele, “os editoriais de jornais passaram a manifestar, de forma mais explícita, suas análises sobre a violência e sobre a Baixada.”^[36] Ele cita a construção discursiva de *O Globo* (9/8/77), definindo a “fauna criminosa da Baixada Fluminense” e também a do *Jornal do Brasil*, que, no editorial “Câncer vizinho”, definiria a Baixada como um local onde “a lei do gatilho é tão natural quanto a lei da gravidade (...)”.^[37] Em 1978, há, segundo o autor, um “recrudescimento da violência na Baixada”.^[38] Os jornais vão polemizar acerca da autoria dos crimes de “autores desconhecidos” na Baixada, com *O Globo* negando “a existência de justiceiros ou do Esquadrão da Morte na Baixada. O que existia eram bandos de criminosos ...” e o *Jornal do Brasil* atribuindo “ao Esquadrão da Morte mais de 2 mil mortes na região”.^[39] Para José Cláudio Alves, não há como negar a ação dos grupos de extermínio na região.^[40]

Assim, a partir desse processo, a imprensa passa a desempenhar um papel “ambíguo”, como indica José Cláudio Alves:

“As revelações produzidas pelas investigações farão com que a imprensa funcione ao mesmo tempo como elemento de segregação da Baixada, identificando-a como outra sociedade, terra sem lei, lugar onde a feiúra se associa ao crime ou câncer vizinho, e como instrumento de pressão no aprofundamento das investigações promovidas pela

Delegacia de Homicídios. Uma ambigüidade que se estabelece entre a solidariedade e a rejeição.”^[41]

Um outro dado, que circulará pela imprensa e será transformado em livro, também terá grande força na construção de uma imagem negativa sobre a Baixada Fluminense. Um estudo da UNESCO, realizado na década de 70, apontará que Belford Roxo, então distrito de Nova Iguaçu, seria “o lugar mais violento do mundo”.^[42]

d) década de 80

O início dos anos 80 marca o período de maior visibilidade para a Baixada Fluminense (e sua relação direta com a “violência”) na grande imprensa. Nos quatro jornais levantados, no primeiro semestre de 1980, são publicadas matérias diariamente sobre a “violência” na Baixada Fluminense (como, por exemplo, podemos perceber na chamada “Durante a Semana Santa, na Baixada Fluminense, 71 pessoas morreram vítimas de violência, acidente de trânsito, mortes naturais e falta de assistência médica”^[43]). Não só aumentam as referências diretas à Baixada como um “local violento”, mas o tamanho das matérias chama a atenção: são muitas vezes páginas duplas, com fotos e grandes manchetes, narrando a “criminalidade” na BF.

Esse quadro se ampliou especialmente pelo surgimento da figura do “Mão Branca”. Para os agentes entrevistados no decorrer da pesquisa, somente um disfarce retórico para a ação dos grupos de extermínio. Para a imprensa da época, uma mistura de “exterminador” com “justiceiro”, que em especial no jornal *Última Hora* foi transformado em “personagem excêntrico”, gerando muitas capas e páginas duplas com matérias acerca de suas ações na Baixada.^[44]

“Mão Branca” e sua atuação na BF, portanto, foram destaque nos quatro jornais aqui levantados, embora com graus diversos de cobertura, como demonstrado acima.^[45] Mas é interessante observar que, mesmo com a intensidade e constância de matérias citadas, a figura do “Mão Branca” não é o principal marco referido pelos agentes entrevistados para pensar a construção de imagens negativas via imprensa para a Baixada. Neste sentido, a figura de Tenório Cavalcanti e mesmo a citada pesquisa sobre Belford Roxo aparecem como referências mais frequentes.

Se o início da década de 80 foi marcado por uma intensa visibilidade da Baixada Fluminense na imprensa, em associação direta com a temática da “violência”, tal quadro apresentaria fortes mudanças no início da década de 90, como demonstrarei no próximo item. Para os agentes aqui entrevistados, no entanto, tais mudanças começaram a se processar ainda em meados dos anos 80, com a abertura política e o crescimento dos movimentos sociais, especialmente aqueles ligados à igreja e à formação das associações de moradores.

A criação e o posterior crescimento dos movimentos sociais na Baixada foram acompanhados pelo surgimento de diversas instituições culturais, especialmente as casas e centros de cultura, que se espalharam pela Baixada para promoverem cursos, “resgataram a cultura local” e participarem ativamente na construção da “cidadania” para os moradores.^[46] Este período, para muitos, é considerado o “boom” das casas de cultura na Baixada, em que a “cultura” transformou-se em estratégia privilegiada para propor transformações locais e gerar imagens positivas para a região. Tais casas e centros culturais foram aparecendo no final da década de 80 e também no início dos anos 90.

e) década de 90 e 2000

A efervescência cultural e social do fim dos anos 80 se consolidou no início da década de 90, quando começou a ser projetada uma imagem mais positiva via imprensa acerca da BF. Neste sentido, muitos entrevistados apontam como marco o surgimento de cadernos específicos sobre a região, que irão circular dentro dos grandes jornais, como o *Globo Baixada* e o *Caderno Grande Rio*, do jornal *O Dia*. Apesar de não circularem fora da região, tais cadernos vão ter um impacto muito grande na construção de imagens positivas para a Baixada, especialmente no sentido de estimularem um aumento na auto-estima dos moradores, com a publicação de matérias que apontam para as “qualidades” da região.

Algumas matérias pinçadas nestes jornais em seus primeiros anos de funcionamento apontam para esta transformação nos enfoques acerca da Baixada Fluminense. As construções discursivas utilizavam palavras com forte efeito retórico, no sentido de gerar novas representações sobre a região, como, por exemplo, “recanto”,

“lazer”, “bucólico”, entre outras.^[47] Além disso, algumas matérias se propõem a focar a Baixada sob outros prismas do que os mais recorrentes. Assim, em “Bons negócios põem a Baixada no noticiário de economia”, aparece claramente a idéia de que a região antes não fazia parte do mesmo, já que era “considerada até pouco tempo uma região formada apenas por cidades-dormitórios ...”.^[48] Ou ainda no texto de primeira página da edição do *O Globo Baixada* de 11 de agosto de 1991, em que procura-se um outro olhar sobre a temática da “violência”:

Além do surgimento dos cadernos jornalísticos sobre a Baixada, outros fatos serão lembrados como significativos nesse processo de mudança na imagem da região via imprensa. Entre eles, a construção da Linha Vermelha, em 1992, que teria contribuído para diminuir a distância geográfica e, conseqüentemente, a distância social entre os moradores dos municípios da BF e os da cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, a partir do início da década de 90 e especialmente no início do ano 2000, a Baixada como sinônimo de “violência” praticamente desaparece dos noticiários levantados. As imagens construídas são mais “positivas”, como na matéria “Índios mostram cultura em Xerém”.^[49]

Para os agentes aqui mapeados, a percepção da “*Baixada Fluminense*” como “mercado consumidor” é fundamental neste processo de mudanças. O surgimento de novos shoppings, nos últimos anos da década de 90, exacerbou esse processo. Da mesma forma, aponta-se também para a percepção de que a região é um lugar fundamental para pretensões políticas, levando a um maior investimento por parte dos diversos órgãos governamentais na criação de projetos para a região (como o “Baixada Viva” e o “Nova Baixada”, ambos do governo do estado, e uma série de projetos municipais).

Além disso, existe uma percepção geral de que “a violência teria se banalizado”, teria se “espalhado para todo o Rio de Janeiro”, não sendo mais um “problema só da Baixada”. Assim, as notícias sobre “violência” continuam a ocupar as páginas da imprensa, mas hoje se referem muito mais ao município do Rio de Janeiro do que especialmente à Baixada.

Neste processo de transformação das imagens construídas pela imprensa acerca da região, alguns atores sociais vão desempenhar papel fundamental. Entre eles, os políticos locais, que irão buscar uma nova “imagem” para eles mesmos e para a região que comandam, implementando um novo *projeto* político.

Portanto, percebe-se claramente uma mudança na construção de imaginários sobre a *Baixada* na imprensa levantada. Os dados reforçam uma reflexão feita por Marlúcia dos Santos Souza, em que ela aponta que “de um lado, temos a prefeitura de Duque de Caxias construindo a imagem da “Cidade Feliz” e de outro, temos o Caderno Baixada, do Jornal O DIA, afirmando que o futuro chegou para Baixada.”^[50]

Conclusões preliminares

No decorrer das cinco décadas que venho mapeando, alguns jornais cariocas, em especial nos anos 70 e 80, como *O Dia* antes de sua reforma gráfica e editorial nos anos 90, e *A Última Hora*, entre outros, seguiam, em termos editoriais, uma forte linha sensacionalista, para muitos associada a uma “forma popular” de fazer jornalismo, principalmente pelas estratégias discursivas e gráficas utilizadas pelos veículos. Através de suas matérias, tais jornais foram responsáveis, em parte, pela construção de uma memória coletiva acerca da Baixada Fluminense, em que as representações midiáticas se cristalizaram como “representações reais” acerca da região. As décadas de 70 e parte da de 80 protagonizaram a cristalização de um senso comum em que a Baixada passou a ser associada plenamente com as imagens de “terra sem lei”, “maior violência do mundo”, “terra em que até galinha cisca pra trás”, “faroeste fluminense”, dentre outras classificações negativas e estigmatizantes. Deste processo, participaram também jornais associados à “credibilidade” jornalística, como o *Jornal do Brasil* e *O Globo*.

Tais representações preconceituosas, no entanto, começaram anteriormente a esse período. Segundo os dados obtidos no decorrer de minha pesquisa de campo e através do levantamento realizado na Biblioteca Nacional e junto a outras fontes de pesquisa, as construções discursivas acerca da Baixada Fluminense vêm sofrendo modificações claras dos anos 50 até hoje.

Assim, até 1950 a Baixada teria tido relativamente pouca visibilidade dentro da grande imprensa. Uma mudança neste sentido começou a ser sentida em meados de 50 e na década de 60, principalmente pelo papel exercido pelo político e pistoleiro Tenório Cavalcanti e pelas lutas pela posse da terra, no processo de loteamento que irá marcar a região. Neste período, foi sendo construída a imagem da Baixada como “faroeste fluminense”, uma “terra sem lei”. A partir de 1970, já podemos perceber que a Baixada Fluminense, principalmente nos jornais de cunho mais sensacionalista, como *A Última Hora*, passa a ocupar diariamente a primeira página, associada principalmente aos motes da “violência” e da “falta de políticas públicas”. Isso se amplia ainda mais na década de 80, com a criação da figura do “Mão Branca”, apresentado via imprensa como justiceiro local, mas, na prática, com ações bem similares a dos grupos de extermínio que já atuavam na *Baixada* nas décadas anteriores. Neste período inicial da década de 80, todos os grandes jornais (não só os sensacionalistas, como *Última Hora* e *O Dia*, mas também o *JB* e *O Globo*) dedicam generosos espaços em suas edições para retratar a *Baixada*, quase sempre a associando a um espaço marcado pela “violência” e pela “ausência da lei”.

Na década de 90, no entanto, essas representações associando a BF à “violência” começam a ser atenuadas nos grandes jornais, permanecendo somente no *A Última Hora* (com a criação da figura de outro justiceiro, o “Máscara Negra”, não tão impactante quanto o “Mão Branca”, mas com o mesmo tipo de ação). Finalmente, no ano 2000, já sem o *Última Hora* (que seria extinto em meados de 90), a Baixada como sinônimo de violência e terra de desmandos praticamente desaparece da grande mídia.

Portanto, é preciso salientar desde já que as representações construídas pela grande imprensa carioca acerca da Baixada Fluminense não são estáticas, ao contrário, são múltiplas e fluidas. Exatamente por isso, como procurei demonstrar em minha tese de doutorado, há um esforço partilhado por agentes diversos – inclusive aqueles que formulam suas identidades locais em termos antagônicos – no sentido de gerar “imagens positivas” para a “*Baixada Fluminense*”, que possibilitem uma reversão do que muitos consideram o principal problema dos que residem na região: a perda de “auto-estima” em razão dos “estigmas” e “imagens negativas” que as pessoas “de fora” da Baixada têm sobre a mesma. Trata-se, portanto, de uma produção coletiva de identidades positivas sobre a Baixada, que visa atingir não só aos que nela residem, mas

também a esse *sensu comum* cristalizado, segundo os agentes entrevistados, especialmente entre os moradores da cidade do Rio de Janeiro. E tal *sensu comum*, de acordo com os mesmos agentes, teria sido formado a partir das imagens negativas produzidas pela grande imprensa acerca da região. Dessa forma, as ações de “resgate” ou “construção” de uma identidade positiva para a BF pode ser percebida como reações às representações negativas veiculadas pela mídia e arraigadas no *sensu comum*.^[51] Dentre tais imagens, a *violência* ocuparia lugar de destaque como unidade discursiva utilizada pela imprensa para se referir à Baixada.

Bibliografia

ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IPLANRIO, 1997.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. *Espreme que sai sangue. Um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo, Summus, 1995.

ALVES, José Cláudio Souza. *Baixada Fluminense: a violência na construção do poder*. São Paulo, tese de Doutorado em Sociologia, USP, 1998.

ALVES, José Cláudio Souza. “Baixada Fluminense: o código genético social de uma periferia”. *Revista FEUDUC/CEPEA/PIBIC*, agosto de 1999, nº 1.

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio. Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, APPH-CLIO, 2003.

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, poder e público*. Niterói, tese de Doutorado em História, UFF, 1996.

BARBOSA, Marialva. “O jornalismo, o sensacional e os protocolos de leitura”. Texto mimeo, 2004.

BARBOSA, Marialva. “Tragédias apaixonam a cidade”. Texto mimeo, 2002.

BASTOS, Eliane Cantarino O'Dwyer G. *Laranja e Lavoura Branca. Um estudo das unidades de produção camponesa da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro, dissertação de Mestrado em Antropologia Social, PPGAS/MN/UFRJ, 1977.

BARTHES, Roland. "Structure du fait divers". In: *Essais critiques*. Paris, Editions du Seuil.

BELOCH, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o Povo da Baixada*. Rio de Janeiro, Record, 1986.

DEJAVITE, Fábila Angélica. "O poder do fait-divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção". In: BARBOSA, Marialva (org.). *Estudos de Jornalismo (I)*. Campo Grande, Intercom, 2001.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O Discurso da Violência. As marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo, Educ, Cortez editora, 1996.

ENNE, Ana Lucia Silva. "*Lugar, meu amigo, é minha Baixada*": memória, representação social e identidade. Tese de Doutorado em Antropologia. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2002.

GRYNSZPAN, Mário. "Ação Política e Atores Sociais: Posseiros, Grileiros e a Luta pela Terra na Baixada". In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 33, nº 2, 1990.

GRYNSZPAN, Mário. "Luta pela terra e identidades sociais". In: *História, Ciências, Saúde*. Vol. V (suplemento). Rio de Janeiro, julho/1998.

GRYNSZPAN, Mário. *Mobilização Camponesa e Competição Política no Estado do Rio de Janeiro (1950-1964)*. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ, 1987.

GRYNSZPAN, Mário. "Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 14, ano 5, out./1990.

LEMOS, Cláudia. "Narrar a violência: a cobertura policial num jornal popular nos anos 1990". In: BARBOSA, Marialva (org.). *Estudos de Jornalismo (I)*. Campo Grande, Intercom, 2001.

MACHADO FILHO, Deoclécio Dias. *Iguaçu, Terra de Gente Ilustre*. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1957.

RONDELLI, Elizabeth. “Imagens da violência e práticas discursivas”. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder e outros (org.). *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SERRA, Antônio. *O Desvio Nosso de Cada Dia. A representação do cotidiano num jornal popular*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis, Vozes, 1972.

SOUZA, Josinaldo Aleixo de. *Os Grupos de Extermínio em Duque de Caxias – Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro, dissertação de Mestrado em Sociologia, IFCS/UFRJ, 1997.

SOUZA, Marlúcia S. “Imagens da cidade de Duque de Caxias”. In: *Revista FEUDUC/CEPEA/PIBIC*, nº 2, 2000.

SOUZA, Marlúcia e PIRES JÚNIOR, Roberto. *Terra de muitas águas*. Duque de Caxias, papelaria Itatiaia, 1994.

SOUZA, Percival. *A Maior Violência do Mundo: Baixada Fluminense*. São Paulo, Traço Ed., 1980.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da Laranja ao Lote. Transformações sociais em Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro, dissertação de Mestrado em Antropologia, PPGAS/MN/UFRJ, 1992.

TORRES, Rogério. *Duque de Caxias*, cópia mimeo, p. 20.

TORRES, Rogério e MENEZES, Newton. *Sonegação, Fome, Saque*. Duque de Caxias, Edição do Consórcio de Administração de Edições, 1987.

Notas

[1] O artigo aqui apresentado é uma síntese do segundo capítulo de minha tese de Doutorado em Antropologia, “*Lugar, meu amigo, é minha Baixada*”: memória, representações sociais e identidade na Baixada Fluminense, orientada pelo prof.º Doutor Antonio Carlos de Souza Lima e defendida no PPGAS/Museu Nacional/UFRJ em outubro de 2002.

[2] A partir de um esforço reflexivo inicial, como indicado acima, esta temática se tornou objeto do projeto de pesquisa “Mídia e Exclusão Social: um olhar etnográfico”, através do subprojeto “Imagens da Baixada na Imprensa Fluminense”, que está sendo desenvolvido desde maio/2003, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense/UFF, sob a orientação da prof.ª Marialva Carlos Barbosa, dentro do programa de bolsas PRODOC/CAPES e com apoio da FAPERJ através do edital Primeiros Projetos.

[3] Não cabe aqui uma discussão acerca do quanto tais jornais, que se “vendem” como sérios e objetivos, estão carregados de subjetividade e opinião. O que nos importa, neste momento, é utilizar o critério com o qual eles publicamente se apresentam e buscam ser reconhecidos.

[4] O jornal *O Dia* passou há alguns anos por uma intensa reforma gráfica e editorial, procurando se afastar dessa imagem e firmando-se mais como um jornal popular (linguagem simplificada, conteúdos voltados para o entretenimento, pautas de serviço, amplo uso da fotografia em detrimento do texto, entre outras características), sem necessariamente apelar para o *grotesco* e o *escatológico*.

[5] Atualmente, o jornal *A Última Hora* não está sendo mais editado. Por muitos anos, foi considerado um dos mais fortes representantes da imprensa “sensacionalista” do estado do Rio de Janeiro. Cf. DIAS (1996, p.20).

[6] As reflexões sobre o fluxo do sensacional e a formação história da imprensa sensacionalista no Brasil estão em BARBOSA (1996, 2002 e 2004).

[7] Como exemplos, podemos citar os títulos da edição de 3 de março de 1980, do *Última Hora*, p. 7. “Tiro na testa da vizinha fofoqueira” e “Ladrão virou bumbo do povo”.

[8] Com o apoio da bolsista de Iniciação Científica Priscilla de Oliveira Xavier.

[9] Com o apoio da bolsista de Iniciação Científica (FAPERJ) Betina Peppe Diniz.

[10] Além disso, foram utilizados como referência dados colhidos em matérias esparsas, fora desses anos, a partir de consultas aleatórias ocorridas durante a pesquisa.

[11] Tal processo é descrito e analisado por GRYSZPAN (1987), SOUZA (1992), BASTOS (1977) BELOCH (1984).

[12] Cf. ABREU (1997).

[13] SOUZA (1992, p. 38). O primeiro grupo, o “pessoal antigo”, buscaria cravar uma identidade apegando-se a uma “valorização positiva do passado, em que este é idealizado” (p.10). Já o segundo grupo, o “pessoal de fora”, buscaria cunhar uma nova identidade regional, passando a usar a categoria *Baixada* “com fins reivindicatórios” (p.32).

[14] GRYSZPAN (1987, pp. 41-90). Ver também SOUZA, Sonali, *op. cit.*, p.8: “(...) os loteamentos feitos em Nova Iguaçu, no pós-guerra, desencadearam um processo de rupturas com o período anterior, quer seja pelo abandono de uma produção agrícola, quer seja pelo crescimento populacional favorecido pelos loteamentos”.

[15] Como demonstra Grynszpan, neste momento está se afirmando uma representação que associava a região a “uma área de fronteira, agreste, e que deveria ser conquistada”. Cf. GRYSZPAN (1990, pp.293). Segundo Marlúcia Santos de Souza e Roberto Pires Júnior: “a disputa pela terra era acirrada e a violência a marca desse processo. Talvez pudéssemos ousar comparar a marcha para o “oeste fluminense” com a do oeste norte-americano representada nos filmes de bang-bang.”. Cf. SOUZA, Marlúcia Santos de e PIRES JÚNIOR, Roberto, 1994, p.9.

[16] Mário Grynszpan vai demonstrar que as categorias de “proprietário”, “grileiro” e “posseiro” são fundamentais para a configuração das identidades sociais para os envolvidos nas disputas pela terra na Baixada, e exatamente por isso não podem ser

tomadas como categorias prontas, mas sim processuais e referentes a contextos e a apropriações por atores situados dentro dos mesmos, funcionando por vezes como critérios de auto-representação e em outras como categorias de acusação. Cf. GRYNSZPAN (1998, pp.266-269). E também GRYNSZPAN, 1990, p.293.

[17] Como aponta Grynszpan: “Quem lê os jornais das décadas de 1950 e início da de 1960 conforma uma visão do campo fluminense como região de problemas graves, de grandes proporções e características dramáticas.”. Cf. GRYNSZPAN (1998, p. 258). Interessante para esta tese é observar um outro prisma acerca da ação da imprensa, apontado pelo mesmo autor: “as denúncias através dos jornais, assim como as manifestações, também conferiam visibilidade aos problemas locais, trazendo-os mesmo ao conhecimento nacional. Além de buscarem a formação de uma opinião pública favorável aos *lavradores*, as denúncias contribuía, igualmente, para o seu reconhecimento político.” Nesse caso, as representações aparentemente negativas acerca da violência na região são apropriadas por um determinado conjunto de atores como sendo uma marca de legitimidade. Ver GRYNSZPAN (1990, p.295).

[18] *Idem*, pp. 259 e 266.

[19] TORRES, Rogério. *Duque de Caxias*, cópia mimeo, p. 20.

[20] *JB*, 20/04/1950, p. 1.

[21] Diz o texto: “Antônio Pinto de Oliveira, de 36 anos, lavrador, casado, residente na localidade denominada Xerém no município de Caxias, levado pelo ciúme, matou a tiros o jovem Francisco dos Santos, de 22 anos, domiciliado no mesmo local, que vinha participando da intimidade pecaminosa da sua esposa Elisa Botelho Pinto. O lavrador após cometer o crime fugiu. As autoridades fluminenses estão no seu encalço.” Portanto, trata-se de morte por crime passionai. Cf *JB*, 15/04/1950, p.1.

[22] MACHADO FILHO, 1957, p.127.

[23] “Festa da laranja em Nova Iguaçu”, *JB*, 13/04/1960 e “Cultos afro-brasileiros”, *O Dia*, 05/03/1960.

[24] Jornal *O Dia*, respectivamente edições de 14/03/1960, 22/03/1960, 29/03/1960, 30/03/1960.

[25] BELOCH, *op. cit.*, p. 124. Segundo o autor, o “coronelismo urbano” marcaria a conjugação de um modelo político característico das zonas rurais brasileiras, o “coronelismo” (compreendendo relações de assistencialismo e coerção), com características das zonas urbanas, como o uso da imprensa e a necessidade de formar novas redes de relação, principalmente políticas.

[26] Diz Beloch: “a violência foi sem dúvida a mais notória marca distintiva de Tenório. Seu nome ainda é imediatamente associado a tiros, pistolas e confrontos armados. A familiaridade com a violência, pode-se dizer mesmo o culto da violência, incorpora-se a sua personalidade ...”. Cf. BELOCH, *idem*, p. 74. Ver também GRYNSPAN (1987) e “Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 14, ano 5, out./1990, pp.73-90. Sobre a biografia de Tenório Cavalcanti, ver ainda FORTES, Maria do Carmo Cavalcanti. *Tenório, o Homem e o Mito*. Rio de Janeiro, Record, 1986.

[27] BELOCH, *op. cit.*, p. 74.

[28] GRYNSPAN, 1990, *op. cit.*, p. 81. O autor vai entender a rede montada em torno de Tenório Cavalcanti como um *conjunto-de-ação*, em que Tenório desempenharia o papel de *ego*.

[29] Apesar de ter se casado com a filha de um do representante das “famílias tradicionais” na Baixada, Tenório nunca foi totalmente aceito por esses círculos, como indicam Grynszpan e Beloch em seus trabalhos. Como explica Grynszpan: “... embora procurasse se apresentar como um senhor entre senhores, Tenório não era por estes assim reconhecido. Com traços sociais e atitudes que diferiam dos demais, ao invés de semelhante era visto por eles como figura discrepante”. *Idem*, p. 85. Neste sentido, vale reportar aqui o texto de uma das cenas do filme “O Homem da Capa Preta”, de Sérgio Resende (1986), sobre Tenório Cavalcanti, em que um representante das elites locais indignava-se: “quem é esse Tenório, quem é seu pai, quem é sua mãe, a que família pertence? Um guerrilheiro... e quer se arvorar em dono de Caxias? Não, não vou aceitar nunca. Minha família mora em Caxias há mais de um século. Quando o imperador

viajava, era aqui, nesta casa, que ele dormia. Agora eu não vou admitir que um zé mané qualquer venha cantar de galo no meu terreiro.” Apesar de ficcional, a passagem contém muitos dos elementos que apareceram no decorrer de minha pesquisa nas falas de muitos dos agentes que entrevistei. Aponta ainda para o que indicou Sonali Souza, conforme citado acima: uma disputa entre o “pessoal antigo” e o “pessoal de fora”.

[30] “A *Luta* também representou uma peça-chave no esquema montado por Tenório, constituindo-se num poderoso recurso. De linguagem popular, com manchetes escandalosas, fotos e descrições detalhadas de crimes e acidentes, o jornal que, dizia-se, quando espremido vertia sangue, tinha um grande público leitor, não apenas na Baixada, no Estado do Rio, mas também na Guanabara, onde era sua sede.”. GRZYNSZPAN, 1990, *op. cit.*, p. 85, grifo do autor.

[31] SOUZA, 2000, p. 46.

[32] *Idem*, p. 51. Ela completa o dito acima: “durante a ditadura militar, a forma encontrada pelos comerciantes era a de contratar policiais para manter a “limpeza” em suas áreas. O envolvimento de policiais militares no Esquadrão da Morte durante os anos 60 e 60, o surgimento da “Mão Branca” na década de 80 e do narcotráfico na década de 90, foram os responsáveis pelo desaparecimento de milhares de pessoas. Durante o período militar, 15 mil pessoas foram exterminadas na Baixada Fluminense. Assim, Caxias tornou-se lugar de extermínio, de desova e recentemente ficou conhecida no país como a cidade do Fernandinho Beira-Mar.”

[33] “Segundo a imprensa, os chamados *Grupos de extermínio* – conhecidos popularmente como “polícia mineira”, simplesmente “mineira”, “esquadrões da morte”, “matadores”, ou por nomes utilizados no passado como “Máscara Negra”, “Mão-Branca”, “Rosa Vermelha” (JB 13/04/90) – começaram a funcionar incentivados por Amaury Krueel, chefe da Polícia do Distrito Federal, entre 1956 e 1957 ...”. Cf. SOUZA, 1997, p. 22. Cf. também ALVES, 1998.

[34] ALVES, *op. cit.*, p.130.

[35] O autor cita o ano de 1976 como um marco neste processo. Cf. ALVES, 1998, pp. 144-145.

[36] *Idem*, p. 146.

[37] Como explica José Cláudio Alves, acerca da citada matéria do JB: “após discorrer sobre o envolvimento da Polícia nos crimes e as limitações da instituição: falta de homens e dualidade de comando, o editorial é concluído com metáforas estéticas, geológicas e cirúrgicas: *‘Há uma estranha relação entre o crime e os lugares excessivamente feios. E seria preciso, igualmente, que os prefeitos locais pensassem um pouco mais em termos humanos do que em obras a serem inauguradas, relegando à polícia o cuidado do subterrâneo social. Trabalho para gerações. Mas que toda contemporização agrava. Trata-se, em última análise, de salvar o Rio de um câncer que pode estrangulá-lo’*. Assim, para os cariocas, além do medo dos favelados descerem os morros, haveria também o medo da Baixada sitiá-la a cidade maravilhosa.” *Idem*, pp.146-147. Grifos do autor.

[38] *Idem*, p. 149.

[39] *Idem*, p. 151. O autor se refere aos editoriais de *O Globo* de 26/12/1978 e do *JBde* 17/12/1979.

[40] “O final dos anos 60, mas, sobretudo, a década de 70, correspondem ao período de surgimento e consolidação daquilo que se convencionou chamar de Esquadrão da Morte. Essa expressão, mais que a concepção de um grupo de matadores, ligados à Polícia e respaldados pela ditadura militar, correspondia a algo que a partir desta base inicial, tornava-se cada vez mais complexo e revelador de uma rede muito maior de relações e interesses. O percurso que as matérias da imprensa percorrerão demonstrará, ao final, as várias faces deste padrão de violência, que dará à Baixada sua característica mais peculiar, conforme a própria imprensa. Se inicialmente o destaque era para a violência policial, cometida contra cidadãos, por excesso de aplicação da força ou por engano, progressivamente vai-se concentrando nos casos de execuções determinados por interesses de terceiros: comerciantes, traficantes e outros, onde policiais surgiam com membros dos grupos de extermínio”. *Idem*, p. 153.

[41] *Idem*, p. 154.

[42] A pesquisa da UNESCO foi realizada em 95 países, de 1971 a 1976. Sobre a pesquisa e seus resultados, bem como sobre seus impactos sobre a BF, cf. SOUZA,

1980. O autor, tentando mostrar o quadro negativo da Baixada no período, faz uma reconstituição histórica acerca da região, apoiando-se na idéia “tradicional” de opulência *versus* decadência, utilizando como referência principal exatamente os trabalhos de um “memorialista”, Ruy Afrânio Peixoto. Ver pp.18-21.

[43] *JB*, “Baixada teve 71 mortes no fim de semana”, 08/04/1980.

[44] Mesmo quando as localidades citadas não estavam geograficamente associadas à mesma, pelo menos quanto às representações geográficas mais reconhecidas, como demonstrei no capítulo 1 de minha tese. Cf. ENNE, *op. cit.*

[45] Estamos desenvolvendo, no segundo semestre de 2004, dentro do projeto sobre a construção do imaginário na imprensa fluminense, já mencionado, um mapeamento detalhado sobre o caso Mão Branca, que será convertido em artigo a ser publicado em 2005.

[46] Na matéria “Associação quer mudar imagem de Nova Iguaçu”, podemos ver que Associação de Amigos de Nova Iguaçu, que tem entre suas instituições filiadas a Casa de Cultura de Nova Iguaçu, possui o objetivo “de mostrar ao Rio de Janeiro e ao resto do país uma nova imagem de Nova Iguaçu”, inclusive com a adoção de um slogan: “explode coração iguaçuano”. Cf. *O Globo Baixada*, 28/04/91, p. 4.

[47] Ver, por exemplo, “Um passeio pelos recantos da Baixada” (*O Globo Baixada*, 14/10/09, pp.54-59), “Domingo de muito lazer na Baixada” (*idem*, 25/11/90, pp.50-56), “Sítio Carioca: opção bucólica de lazer” (*idem*, 04/08/91, p. 40), “Entre Japeri e Miguel Couto, um passeio dos mais bucólicos” (*idem*, 18/08/91, pp.42-44), “Sítios são os novos pontos de lazer para todas as classes” (*idem*, 06/10/91, pp.22-23) e “Caxias elege seu recanto preferido” (*idem*, 09/08/92, p. 10).

[48] *O Globo Baixada*, 23/11/90, p. 42.

[49] *JB*, 09/04/2002.

[50] SOUZA, 2000, p. 35. Ela completa: “a imagem da “Cidade Feliz” e a do “Futuro que já chegou para o ABC fluminense” buscam romper com a tradição da imagem da violência e da segregação. Por outro lado, essa imagens impedem também que se veja o

aumento da favelização e da exclusão social sofrida pela maioria de sua população durante o período de ditadura militar e, mais recentemente, com a implantação do projeto neoliberal nesta década de 90.” Cf. p. 36. Vale chamar a atenção para o artigo “Imagens da cidade de Duque de Caxias” (*Revista FEUDUC/CEPEA/PIBIC*, nº 2, 2000), de Marlúcia Souza, em que a autora já chamava a atenção para algumas das transformações aqui apresentadas, no que se refere à cidade de Duque de Caxias. Acredito, neste sentido, haver uma convergência em termos reflexivos entre os trabalhos de Marlúcia Souza, José Cláudio Alves e a minha tese de doutorado, quanto às questões do imaginário da Baixada via imprensa.

^[51] Elizabeth Rondelli indica que “estas representações sociais se realizam através da produção de significados, que não só nomeiam e classificam a prática social, mas, a partir desta nomeação, passam mesmo a organizá-la de modo a permitir que se proponham ações concretas em relação a ela”. Cf. RONDELLI, Elizabeth. “Imagens da violência e práticas discursivas”. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder e outros (org.). *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000, p. 150.